

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Tribuna de Mucajaí Class.: 640  
 Data: 17.01.88 Pg.: \_\_\_\_\_

**EDITORIAL**

**Nossos índios. Nossos mortos?**

Nem todos os que vêm do garimpo trazem um pedaço do céu. A corrida pelo ouro está atraindo para Roraima homens e mulheres de todos os cantos do País, mas, ao contrário do que dizem por aí, nem todo mundo está se dando bem. Há garimpeiros morrendo de malária pelo meio do caminho de ida e a violência ameaça por a pique o sonho de muitos aventureiros. A terra de onde se extrai o minério é pretendida pela Funai para os índios Yanomami e os garimpeiros dizem que não sairão, em hipótese alguma, da área, por mais que a entidade responsável pela tutela dos índios pretenda. Estão certos, garimpeiros vivem disso, da extração de minérios. O problema é que os índios, pessoas inocentes e jamais agressivas, tende a ser o principal prejudicado em todo esse espetáculo. O habitat dele está, de alguma forma, sendo ameaçado e nunca foi tão necessário que se demarcasse as terras indígenas quanto está sendo agora.

No ano passado, a administração regional da entidade que deveria dar proteção ao índio mas nunca cumpriu o seu papel pediu apoio à Polícia Federal e do Exército para expulsar os garimpeiros que se encontravam na área Yanomami. Eram poucos e logo logo foram expulsos. Dias depois voltavam e agora já são cerca de cinco mil homens. O sonho acabou e a Funai, que dizia pretender a área para os Yanomami, exclusivamente para ele, nunca foi tão conivente com a entrada de garimpeiros naquelas terras quanto está sendo. A Funai, por sinal, é como a Sunab e alguns outros órgãos do governo federal: inoperante e cheia de intelectuais que vivem a discutir o sexo dos anjos, ou seja, assuntos e teorias que não levam a nada. Está cheia de intelectuais e esse é o grande mal, porque intelectual só sabe pensar e nunca agir. Causa revoluções em mesas de barés mas

no dia seguinte está atrás de uma mesa fazendo o que todos fazem, como os conservadores.

A desintelectualização da Funai é tão necessária quanto o estabelecimento, urgente, de uma política efetiva de apoio, amparo e proteção ao índio. Como já foi dito na Tribuna de Mucajaí, em artigos e editoriais, no Brasil se preserva várias espécies animais, como o peixe-boi, a tartaruga e a ariranha, mas poucos estão preocupados com a preservação do índio, um ser humano de realidade cultural completamente diferente da dos brancos. O índio está sendo vítima de tudo isso e inclusive da Funai. Os Yanomami, únicos no Brasil ainda selvagens, aprenderam a conviver com a natureza, que é calma. Não podem eles, portanto, serem pessoas agressivas. O índio quer apenas viver caçando, pescando e cultuando os seus deuses, como sem pre fez. Não há nenhum pecado nisso e o inevitável processo de incorporação dele à sociedade em que vivemos deve-se dar de forma gradativa, em respeito às suas tradições, para que não fiquem marginais.

A Igreja e as organizações de defesa do índio estão certas quando defendem que deve haver respeito a estes povos. É válida a argumentação de que todos devem viver no lugar onde pretendem. No caso dos Yanomami, uma vez que o governo criou estruturas do Projeto Calha Norte nas terras deles e está permitindo a entrada de garimpeiros para exploração de ouro, seria a hora também de se pensar numa forma de dar àquele povo todo o apoio de que necessita nesse instante. Pensou-se nos militares, na segurança nacional, nos garimpeiros, mas não no índio, que é o habitante da área e está tendo as terras invadidas.

É certo que Roraima precisa abrir os garimpos para socorrer a sua economia. A exploração

dos garimpos significa mais dinheiro circulando num Território completamente dependente do governo federal. Por outro lado, a exploração desses garimpos deve se dar de forma racional, em respeito aos povos que vivem nos locais onde eles estão sendo explorados.

É justo que todos queiram ficar ricos. Isso, porém, não deve se traduzir no desaparecimento de um povo, e é nesta hora que estão certas as entidades de defesa do índio, apesar de todo o folclore e da fantasia que fazem acerca da questão, em que lhe pesem as acusações de defesa de interesse escusos.

O dinheiro e o ouro que estão e vão continuar circulando nos centros urbanos de Roraima não podem ou devem jamais ter a marca do sofrimento de um povo que, assim como não pediu para vir ao mundo, não pediu para que o seu futuro seja determinado por aqueles que desconhecem os seus problemas e os têm como inativos, prejudiciais ao desenvolvimento da sociedade brasileira. Nesta hora, seria recomendável perguntar quem tem certeza de que o tipo de sociedade em que vivemos é o melhor se quando procuramos tranquilidade e paz o que mais desejamos é justamente um ambiente como o que os índios têm.

Há, nos garimpos recém-abertos, problemas de toda natureza, e o governo, que admitiu a entrada dos garimpeiros, diz agora não poder ajudá-los porque a área, legalmente, está interdita. Muita gente já morreu de malária e muitos ainda morrerão até que as autoridades se convençam de que nem tudo aquilo que existe no papel (como a tal interdição) existe na prática. Para muitos destes garimpeiros, Roraima, que deveria ter feições do céu mais parece com o inferno. Nem todos ainda viram o céu e tiveram a oportunidade de tirar um pedacinho de queijo da lua.